



## O OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O GÊNERO

Matheo Bernardino\* (Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – financiamento CAPES; Universidade Federal do Paraná; Curitiba-PR).

Contato: matheo.bernardino@gmail.com\*

Psicologia na Clínica Contemporânea e Novas Sintomatologias

**Palavras-chave:** Gênero. Psicologia. Fenomenologia. Método fenomenológico.

Este trabalho teve por objetivo principal descrever as possibilidades de leitura de gênero desenvolvidas por meio de orientação fenomenológica. Especificamente, investigou trabalhos de fenomenologia já existentes, nacionais e internacionais, para então descrever suas contribuições e refletir sobre essas discussões atuais. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com revisão de artigos e livros que tratam especificamente da compreensão de gênero por meio de uma leitura fenomenológica.

Desde Husserl, dentro da fenomenologia, o “problema dos sexos” já era apontado como problema para investigação fenomenológica. Com toda a reverberação da luta pelos direitos das mulheres e, mais recentemente, pelos direitos das pessoas que transcendem o binário de gênero feminino-masculino, coloca-se o gênero e suas compreensões como importante aspecto humano a ser investigado e refletido (Missaggia, 2015; Oksala, 2006).

Com o desenvolvimento dos movimentos feministas, muitas ressalvas em se utilizar desse método pairavam sobre as autoras, entretanto sua utilização foi crescente desde Simone de Beauvoir até recentes estudos sobre corporeidade. Das autoras mais clássicas, temos também as considerações de Edith Stein, Hannah Arendt e Iris Marion Young. É possível observar que, boa parte dos trabalhos, são realizados por autoras em movimentos feministas, trazendo um diálogo fenomenológico sobre as condições da mulher no mundo (Barbosa, 2017; Missaggia, 2015; Oksala, 2006; Peretti, 2009).

Observações recentes, como nos trabalhos de Oksala (2006) e Mann (2018), criticam o modo como o método fenomenológico e o trabalho de autores clássicos foram utilizados para a construção de novas compreensões sobre gênero ou sustentação de olhares sobre a questão. Desde leituras



husserliana até leituras baseadas em fenomenólogos posteriores, como Heidegger e Merleau-Ponty, foram introduzidas como tentativas de expressar concepções sobre gênero e suas relações.

É possível observar, através do trabalho desenvolvido por Oksala (2006), indicações da utilização do método fenomenológico através de quatro vieses dentro da fenomenologia. A autora aponta para uma utilização de leitura clássica, uma leitura corporal, uma intersubjetiva e o que ela chama de pós-fenomenológica, desenvolvendo uma possibilidade de leitura diferenciada.

No arcabouço clássico, husserliano, a “diferença sexual” não é possível de ser colocada por si só, uma vez que, diante da atitude transcendental, todas as interpretações corpóreas e concretas, ainda que façam parte da totalidade do ser, estão suspensas. Assim sendo, Oksala (2006) aponta a impossibilidade de pensar a subjetividade transcendental como sexuada, pois então teríamos que assumir pelo menos dois tipos dessas, o que se torna inadequado diante dos procedimentos husserlianos de redução transcendental.

Em virtude dessa impossibilidade metodológica nas concepções clássicas, muitas autoras feministas se utilizaram do arcabouço merleau-pontyano para colocar suas reflexões de gênero e corpo. Assim, as investigações foram voltadas ao corpo vivido e aprofundamentos sobre a incorporação feminina. Entretanto, Oksala (2006) critica a generalização de experiências individuais para as considerações sobre a incorporação feminina e as relações de gênero. Tais leituras, por mais sofisticadas que sejam, acabam caindo em um essencialismo com foco no corpo, oposto ao que se pretende o próprio feminismo.

A leitura intersubjetiva, apontada por Oksala (2006), abre possibilidades para pensar a questão de gênero em termos de intersubjetividade, mas, ainda assim, o problema da limitação da questão recai em uma circularidade: quando, por exemplo, iniciamos uma análise do que é a experiência de uma mulher, já começamos assumindo o que estamos procurando explicar. Diante dessa limitação metodológica, Oksala (2006) se pergunta como modificar o método de modo coerente para incluir a investigação da importância cultural, histórica e da linguagem.

Por fim, desenvolve uma reflexão que chama de pós-fenomenológica, com o intuito de abrir nova possibilidade metodológica fenomenológica, com o intuito de abarcar as constituições do mundo social e cultural. A autora pretende, com isso, demonstrar que a investigação de gênero deve ser complexa e não se figurar com foco somente em uma incorporação ou em questões somente culturais e históricas (Oksala, 2006).

Da mesma forma, apontando para os diálogos entre Fenomenologia e Feminismo, Missaggia (2015) expõe considerações sobre as leituras já existentes e as contribuições do método e construções fenomenológicas no desenvolvimento dos discursos feministas. Reconhece as limitações dos autores clássicos com relação à questão do gênero e aponta para as apropriações pós-modernas com ênfase na concretude e no corpo como sendo excessivas e, portanto, com necessidade de reavaliação.



Críticas fugazes também são realizadas por Mann (2018) com relação à fenomenologia feminista, demonstrando que essa é ainda uma questão importante a ser refletida no âmbito fenomenológico, ademais todas as questões sociais e políticas envolvidas. Assim, percebeu-se que as discussões de gênero continuam, e cada vez mais profundas, abertas na academia e nas leituras de orientação fenomenológica.

As implicações de tais discussões são relevantes não só para o desenvolvimento da fenomenologia, mas também contribui para novos olhares dentro do âmbito da Psicologia, tanto na sua prática quanto teoricamente, ampliando as possibilidades de compreensão de gênero e fenômenos que o envolvem, como é o caso da transgeneridade. Além disso, deve contribuir para o desenvolvimento dos aspectos sociais e políticos referentes às relações de gênero.

A fenomenologia caminha para a abertura de um olhar complexo sobre esse fenômeno, buscando não só a observação das experiências individuais, as descrições de vivências de incorporação e as reflexões intersubjetivas, mas a reflexão e readequação de seu próprio método na busca por aprofundamentos. O desafio é contínuo, não só em seus aspectos mais teóricos, mas também práticos e dialógicos na aproximação com a área da Psicologia.

A complexidade da questão continua exigindo novos trabalhos que possibilitem sua ampliação, para além de seus aspectos substanciais e binários, mas também em relação a transgeneridade, ageneridade, entre outros fenômenos humanos relacionados. É necessário, ainda, repensar a práxis da Psicologia por meio das contribuições dos olhares fenomenológicos. Assim, todo um horizonte de novas reflexões está aberto para ser desvelado.

## REFERÊNCIAS

- Barbosa, C. P. (2017). Leituras feministas de Merleau-Ponty: do corpo à identidade. *Intuitio*, 10(2), 108-115. doi: 10.15448/1983-4012.2017.2.29119.
- Mann, B. (2018). The difference of feminist phenomenology: the case of shame. *Puncta Journal of Critical Phenomenology*, 1(1), 41-73. doi: 10.31608/PJCP.v1i1.4.
- Missaggia, J. Fenomenologia e feminismo: introdução e defesa de um diálogo fecundo. In Pacheco, J. (Org.). (2015). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre: Fi, 157-179.
- Oksala, J. (2006). A phenomenology of gender. *Continental Philosophy Review*, 39(3), 229-244. doi: 10.1007/s11007-006-9025-2.
- Peretti, C. (2009). *Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica* (Tese de Doutorado, Escola Superior de Teologia). Recuperado de <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/109>.